

Trópico dos pecados - moral, sexualidade e inquisição no Brasil



Por LÍGIA BELLINI*

Comentário sobre o livro de Ronaldo Vainfas

Publicado pela primeira vez no final dos anos 1980, período em que a Nova História, notadamente a partir de meados dessa década, passou a ser objeto de grande interesse acadêmico e editorial no Brasil, *Trópico dos pecados* tornou-se referência obrigatória entre os trabalhos ancorados nas abordagens do campo das mentalidades e, poder-se-ia mesmo dizer, de tendências da Nova História Cultural que despontava como “herdeira” das mentalidades, na época.

Originalmente tese de doutorado defendida na USP em 1988, é um estudo pioneiro das moralidades cotidianas e da sexualidade na América portuguesa, do século XVI ao XVIII, a partir de vasta documentação, que inclui correspondência jesuítica, tratados morais, crônicas, legislação régia e eclesiástica, e sobretudo fontes inquisitoriais.

Passadas mais de três décadas, a noção de mentalidades, contestada de diferentes maneiras, caiu em desuso no vocabulário dos historiadores. Mas os estudos sobre o mental permanecem com vigor renovado, ainda que sob outros rótulos. Interagindo com propriedade com o universo variado dos debates sobre possibilidades de abordar a cultura na época em que o livro foi escrito, Ronaldo Vainfas incorpora tanto as reflexões sobre o Brasil de uma tradição local representada por clássicos como *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, quanto perspectivas metodológicas de obras que se inscrevem no que se convencionou chamar de História das Mentalidades europeia, muito particularmente as de Phillippe Ariès, Jean Delumeau, Jean-Louis Flandrin e Emmanuel Le Roy Ladurie. Concepções de Michel Foucault inspiram diversas discussões e mesmo a estrutura do livro.

As análises de Vainfas dialogam ainda, reiteradamente, com ideias relativas ao trato com fontes inquisitoriais, para compreender o imaginário, propostas nas pesquisas também pioneiras, no Brasil, de Luiz Mott e Laura de Mello e Souza. O trabalho ilustra como uma combinação mais flexível de abordagens - resguardadas suas diferenças e oposições - pode enriquecer a pesquisa, proposta também sustentada pelo autor alhures.

Em consonância com as primeiras discussões sobre a excessiva ambiguidade e imprecisão da concepção de mentalidades, a associação com este campo já vem acompanhada de ressalvas, com o autor apontando a necessidade de vincular modos coletivos de pensar e sentir com as estratificações e os conflitos socioculturais, como forma de superar estas insuficiências. Sua interpretação dos “crimes morais” - os quais muitas vezes, menos que desvios conscientes em relação às regras éticas do catolicismo, eram expressão de crenças religiosas sincréticas ou simplesmente da irreverência própria da cultura popular - é feita em relação com o pano de fundo das grandes transformações da época moderna, com o colonialismo, o escravismo, o patriarcalismo e a misoginia característicos do contexto investigado.

Entre as qualidades que mais se destacam no conjunto de méritos da obra está sua primorosa narrativa. O leitor é remetido à atmosfera do Brasil colonial, às práticas e crenças dos seus habitantes e dos agentes do projeto disciplinador e moralizante que Estado e Igreja buscaram implantar, na Península Ibérica e no além-mar. De um texto erudito, com estilo impecável, emergem os perfis e trajetórias daqueles que foram alvos preferenciais de tal projeto, por serem destituídos das imunidades e privilégios dos poderosos e, por outro lado, não se incluírem nos grupos tratados com relativo desinteresse pelos oficiais da Contrarreforma.

São predominantemente homens - mas mulheres também sofreram perseguições -, portugueses e nascidos no Brasil, brancos e mestiços, cristãos-velhos dedicados aos ofícios e ao pequeno comércio, acusados de cometer bigamia, questionar

a primazia da castidade clerical, manter relações homoeróticas ou tão-só preconizar a liberdade sexual. Em que pese o número bastante modesto dos que foram efetivamente condenados, se comparado ao de sentenciados das metrópoles ou de outras colônias, os moradores vivenciaram o esfacelamento de solidariedades afetivas e comunitárias, a culpabilização das consciências e, em alguns casos, humilhações públicas e punições nas galés e nos desterros. Não obstante tais interferências, Vainfas conclui que o destino da América portuguesa seria mesmo o de trópico dos pecados.

Esta conclusão é apresentada após cuidadoso exame das condutas associadas ao casamento, à conjugalidade, aos desejos e ao uso do corpo na sociedade colonial, buscando “desvendar regras populares onde, para muitos autores, imperava o mais absoluto caos sexual”. A análise evidencia a complexidade, mesmo o caráter contraditório, destas atitudes, de suas representações e do tratamento que lhes deu o Santo Ofício. Talvez o exemplo em que isto se manifesta com mais clareza seja o do homoerotismo feminino. Conquanto fosse inicialmente qualificada de modo homólogo ao da sodomia praticada entre homens, a *sodomia foeminarum* foi tratada, pelos inquisidores, com certo desinteresse, que se expressa nas poucas inquirições feitas nos interrogatórios e na uniformidade do tom e conteúdo dos registros sobre atos sexuais entre mulheres. No meado do século XVII, foi excluída da jurisdição inquisitorial. Vainfas explica tais fatos por meio de sua vinculação com o ambiente misógino e com o falocentrismo do período. A bigamia também ilustra essa complexidade, por indicar, ao mesmo tempo, a valorização social do casamento e a transgressão do seu significado sacramental.

Abrangente e instigante, o livro insinua objetos e problemas a serem explorados noutros estudos. Este é o caso, por exemplo, de uma análise comparativa mais circunstanciada das moralidades heterodoxas no Brasil e no Portugal moderno. Se tomarmos como referência documentação como os processos inquisitoriais versando sobre o molinosismo - uma espécie de desvio herético envolvendo atos ligados à sexualidade com um componente místico, praticados principalmente no interior de conventos, mas também fora deles -, desregramentos morais que tiveram lugar na metrópole foram por vezes muito mais extremos que os da colônia.

Estas questões que suscita só vêm atestar a riqueza da investigação e contribuir para tornar a leitura mais interessante. Resultado de pesquisa inovadora e interpretação inteligente, *Trópico dos pecados* continua obrigatório num campo de estudos de história da cultura cada vez mais prolífico.

***Lígia Bellini** é professora titular aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Autora, entre outros livros, de O grande fulcro: representação do corpo e cultura médica no Portugal Renascentista (Ed. Unifesp).

Referência

Ronaldo Vainfas. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 446 págs.